AVEIRO, 18 DE AGOSTO DE 1973 — ANO XIX — NÚMERO 975

Litoral

SEMANÁRIO

Director e proprietário — David Cristo — Administrador — Camilo Augusto Cristo — Redacção e Administração: Rua do Dr. Nascimento Leitão, 36 — Aveiro (Tel. 22261) Composto e Impresso na «Tipave» - Tipografia de Aveiro, Lda. — Estrada de Tabueira — Aveiro (Telefone 27157)

DR. JOSÉ DE MELO

...POIS VALEU A PENA

ESTAVA a ler, em *Encontros Des Encontros,* do Dr. Arnaldo Saraiva, da Faculdade de Letras do Porto, uma entrevista com Jorge de Sena, quando o *Litoral* me apareceu em casa. Suspendi por momentos a leitura do livro citado e, muito naturalmente, saltou-me à vista o título «Um Congresso que *Valeu a Pena*», da autoria do Dr. Orlando de Oliveira, Reitor do Liceu Nacional de Aveiro e Presidente da Comissão Executiva do VI Congresso do Ensino Liceal. Curiosamente, lia, na entrevista com Jorge de Sena: «Dado que eu não acredito em nenhuma forma de imortalidade, e tenho erudição bastante para saber que cemitérios são as bibliotecas e as histórias literárias; e dado ainda que não me dou a participar de partidarismos que me ofereçam, por substituição, a ilusão da imortalidade, será bem clara a razão de exigir o reconhecimento que me cabe pelo muito e bom que tenho feito. Tenho horror de falsas modéstias, de facto. Mas tenho ainda maior horror da mediocridade que se compraz em recusar-se a reconhecer o que a excede».

Muito curiosamente, também eu, como Jorge de Sena, ajudei muita gente *a vir à luz;* e, muito curiosamente, também eu, como Jorge de Sena, fui sempre mais ajudado, (passe o termo), por aqueles que menos me deviam. Mas não se trata agora da entrevista de Jorge de Sena, que fica para outra vez, a propósito do livro de Arnaldo Saraiva. Do que se trata, sim, é da relação que estabeleci entre as citadas

Continua na página 3

'DIA DO BOMBEIRO'

É já de tradição, em Portugal, que se celebre o «Dia do Bombeiro» em 18 de Agosto de cada ano. Normalmente, as celebrações realizam-se, em cada quartel, por cada corpo de Bombeiros. Mas os BOMBEIROS DO DISTRITO DE AVEIRO — união das 25 corporações distritais, todas de voluntários — decidiram reunir-se conjuntamente, para o efeito, numa só localidade; e, para este ano, foi escolhida a cidade da Ria.

Hoje, haverá desfile, preito junto do «Monumento ao Bombeiro» e uma sessão pública, no salão nobre da Câmara Municipal. Esta será às 17 h. e 30 m., com uma conferência — «A magnífica lição do Bombeiro» — pelo Brigadeiro Aires Martins, prestigiosa figura de militar e jornalista.

Emb. DR. MÁRIO DUARTE

EM Marselha, de 1947 a 1950, tive ocasião de conhecer pessoalmente e assistir a alguns clamorosos triunfos do nosso grande toureiro Manuel dos Santos. Foi ainda na Provença que conheci e vi triunfar Conchita Cintron e tive, certa vez, a oportunidade de conversar com o célebre pintor Picasso por ter ficado sentado numa barreira a seu lado, no velho coliseu romano de Arles.

Manuel dos Santos era uma figura da tauromaquia nacional e internacional. Tinha inúmeros admiradores, principalmente no México. Na praça Monumental da capital azteca, a maior do mundo, toureando numa inesquecível tarde com os melhores espadas do seu tempo, ganhou a «Rosa de Ouro», o maior galardão concedido pelo México na Festa Brava.

Casado com uma senhora mexicana, o nosso compatriota visitava aquele país com frequência. Enquanto representante de Portugal no México, convidei algumas vezes o casal para almoçar e recordo que, no decorrer de um almoço, por sinal em sua honra, Manuel dos Santos nos contou o seguinte episódio da sua vida tauromáquica: Ao entrar na Monumental do México sob o olhar de cinquenta mil espectadores, pálido e sem pinga de sangue, mal

Continua na página 3

N. da R. — O título da presente secção aparece, neste jornal, pela primeira vez; todavia, já se viu noutras publicações. Isto se diz para registo da respectiva **paternidade:** ela é do signatário do escrito que segue.

POSTAIS EM ZIGUE-ZAGUE

Meu caro José de Melo:

Eu não «recebi» a sua carta aberta a toda a gente! Para a receber, ela tinha de ser clara, objectiva — directa! Agora assim, no emaranhado de citações sem finalidade definida, ela era uma massa inerte, dura, informe. Ora você, meu caro José de Melo, tem obrigação, ao escrever todos os sábados em verbalistas exercícios semanais, de saber o que diz e de dizer o que sabe. Isto nem que o faça *mais a citar do que a pensar*... Isto nem que o faça mais numa escala de erudição do que num tom de cultura... Mas isto é uma questão de valores — trocados!... Adiante, pois!

À sua carta faltava clareza e importância para ser uma carta para toda a gente. E faltava-lhe clareza, porque lhe faltava «miolo» — pensamento ou coragem de o confessar.

Confesse-se homem e não tenha medo de falar aos homens. *Quer aniquilar toda a geração de setenta?* Pois seja reaccionário à vontade que não lhe falta companhia, mesmo que para tanto você tenha de mostrar que ignora factos históricos. Pois faça-o, esquartejando os seus canhenhos. Mas faça-o de caras.

O Eça leu mal Proudhon? Pois Eça, ao confessá-lo, só mostra honestidade e evidencia a grandeza de Proudhon que não se deixa agarrar em dois livros enfeichados debaixo do braço.

Meu caro José de Melo: você já estudou Descartes ou Rousseau textualmente? Você já leu sequer uma página do Capital? No entanto eis obras - chave, para compreender e explicar este nosso mundo. Você sabe isto, não sabe? Mas desçamos. Você já fez o estudo hermenêutico dos Evangelhos? E no entanto você é capaz de se dizer cristão ou ter-se como indiferente. Para o caso, a prova é a mesma.

Que quero, afinal, dizer? É que sempre *o prato é maior que o estômago.*

Contudo o que você disse numa carta aberta a toda a gente, quis-me parecer que você pertence àquela raça que ainda quer agarrar a história e voltar-lhe as pontas para trás. Cuidado: não se deixe ficar preso!...

E se o caso é de que você quer tomar os caminhos de Lascaux, pois tire a gravata, agarre no seu cajado e ponha-se a caminho a pensar, finalmente, com ele.

E então talvez escreva pensando mais.

Mas se quer retroceder, por que não toma os caminhos de Katemandou?

De qualquer modo, faça a sua viagem. E boa viagem lhe desejo, que eu não vou para Passaregada.

MÁRIO DA ROCHA

1974 Centenário do Nascimento do Sábio

EGAS MONIZ

ANTÓNIO CAETANO DE ABREU FREIRE EGAS MONIZ nasceu, em Avanca, em 29 de Novembro de 1874 — o que quer dizer que, no próximo ano, naquele dia daquele mês, se completará, rigorosamente, um século sobre o nascimento do egrégio filho do distrito de Aveiro: médico, professor, investigador científico, alcançou, em 1949, a distinção máxima para um cientista: o Prémio Nobel de Medicina e Fisiologia — o primeiro e único concedido a um português pela Academia Sueca —, por via da «sua descoberta do valor terapêutico da leucotomia em certas psicoses»; mas Egaz Moniz foi também deputado enérgico, hábil diplomata e estadista insigne, escritor de apurada pena, orador fluente, lúcido conferencista, profundo conhecedor das artes plásticas, coleccionador esclarecidíssimo. E legou aos Portugueses e ao Mundo preciosos e utilíssimos escritos sobre variadíssimos temas que, para além de cerca de quatrocentos trabalhos de menor tomo (menor, só, em termos editoriais) se alargam por volumes, traduzidos em vários idiomas, que a Ciência, a Crítica, a Arte, a Literatura, a História não podem ignorar. Foi toda uma vida consagrada ao estudo e à reflexão e aos valores artísticos, com proveitosíssimos e universais resultados, com o mais palpável, que não o maior, benefício da doação ao País de uma Casa-Museu, onde a Arte, a Ciência e o bom-gosto se irmanam — uma vida que, para ser humanamente vivida, até foi, por vezes, perturbada com incidentes, desde duelos e prisões (consequências da política do tempo

Continua na página 3

Um caso linguístico

A PALAVRA "MACHILA"

DR. ANTÓNIO CAPÃO

DESDE tempos imemoriais que os homens poderosos, os ricos, os bem instalados na vida, se fizeram transportar apoiados em animais ou aos ombros dos escravos — outros homens seus irmãos, mas considerados inferiores.

A descoberta da roda, se resolveu o transporte das bagagens através do tempo, durante séculos não deu solução aos problemas de comodidade dos senhores. Teve muito que ser aperfeiçoado o sistema do **rodeiro livre** que ainda se encontra em certos tipos de carro de bois primitivo. O século XX, tendo à mão os vários tipos de motores, dominando os aços finíssimos na fabricação das molas e as ligas metálicas duríssimas e leves, excede em zelo na preparação dos cómodos de viagem, procurando-se vencer o espaço num mínimo de tempo e nas melhores condições possíveis. Evidentemente que ao aperfeiçoamento do **móvel** teve de corresponder o cuidado com as vias de comunicação terrestres que, só em fins do século XVIII, alcançaram técnicas especiais e possibilitaram mais fáceis deslocações. Todavia, apesar da evolução constante dos meios de comunicação — o automóvel, o comboio, o avião — qualquer deles não pode atingir os pontos mais recônditos da ocupação do homem sobre a Terra, ainda que todos se completem.

Ora, não havendo estradas em condições, como aconteceu durante

Continua na página 5

...Pois Valeu a Pena

Continuação da primeira página

palavras de Jorge de Sena e as palavras de Orlando de Oliveira no artigo que veio a lume sob o título de «Um Congresso que *Valeu a Pena*»: Jorge de Sena não deixa por mãos alheias o reconhecimento dos seus méritos; Orlando de Oliveira, como Presidente da Comissão Executiva do VI Congresso do Ensino Liceal, veio, em festa de Ramos, deitar foguetes, lançando uma «girândola final de alegria», gritando VALEU A PENA, já que o aludido Congresso, «como triunfo que foi, não podia deixar de ter os seus detractores e os infelizes insatisfeitos que, como inúteis que são, todos se arrepelam quando sentem que VALEU A PENA, apesar de só terem profetizado sombras negras naquilo que não seriam capazes de realizar, e que andavam radiantes por já terem passado mais de 800 dias sobre o termo do Congresso e ainda não ter aparecido o livro de actas respectivo».

Mas valeu a pena?

Nem vale a pena perder tempo com argumentos de carácter extrínseco; nem vale a pena lançar juízos de valor, que se afogariam, entre os vesgos, sob o rótulo de subjectivismo lunático. Apontam-se factos. Apontam-se factos como punhos. Houve resultados positivos do Congresso, através da satisfação de votos expressos nas Conclusões.

E é assim que está a ser posto em vigor com a possível brevidade prudente o novo sistema escolar; que estão a ser adoptados os níveis pré-primário, primário, preparatório, secundário e superior; que vai sendo institucionalizada a educação pré-primária, ao nível oficial e interessando entidades privadas e autarquias locais; que o ingresso nos cursos universitários apenas virá a depender da aprovação no curso complementar; que o ensino particular vai sendo integrado no plano nacional de fomento de ensino, de modo a torná-lo tão acessível como o ensino público às classes menos favorecidas economicamente, por concessão de subsídios aos estabelecimentos particulares sitos em localidades onde não houver estabelecimentos públicos que ministrem cursos do mesmo nível; que se generalizou a outros liceus, além dos de Lisboa, Porto e Coimbra, a realização de estágios pedagógicos; que aos (antigos) professores eventuais e provisórios, com boa classificação de serviço e habilitações suficientes para o ingresso no estágio, veio a ser assegurado vencimento durante as férias grandes; que foram revistas as gratificações atribuídas por cargos directivos; que foram instituídos os cargos de director de turma, no Liceu, à semelhança do que já se passava no Ciclo Preparatório, para coadjuvação do respectivo director de ciclo; que a contagem de tempo de serviço, para efeitos de valorização profissional e aposentação, passou a incluir o tempo de estágio; que todo o tempo de serviço oficial prestado pelo professor após o Exame de Estado passou a ser contado, para efeitos de diuturnidade; que foi criado um seguro escolar para os alunos; que foi reconhecido o direito primário, aos Pais, do poder de decisão quanto à educação moral e religiosa dos seus filhos, durante a menoridade; que foram criados, em Aveiro e noutras cidades que o justificavam, (para além de Lisboa, Porto e Coimbra), Estudos Superiores e Universitários. Acrescentar-se-ia, acrescentar-se-á que, (alargada ao restante funcionalismo público), se obteve a satisfação dos votos de simplificação na autorização da deslocação ao estrangeiro e da instituição da pensão de sobrevivência.

Valeu a pena ter-se realizado o VI Congresso do Ensino Liceal?

Pois valeu a pena; parece, pelo menos, que valeu a pena. *Satisfeitos?*

Mas, pelo menos, *contentes e crentes* em que o futuro ultrapassará certas previsões de optimistas. Apenas contristados por se saber que, no meio de tudo isto, há os que, nada fazendo, tendo já colhido frutos, se perdem na floresta a olhar para a árvore e se esquecem de que, árvore a árvore, a floresta se alarga.

JOSÉ DE MELO

Baluartes da Tauromaquia

Continuação da primeira página

abriu o capote para a sua primeira verónica, ouviu uma voz que lhe gritava distintamente em português «Eh, Manel!». Voltaram-lhe as cores à cara ao ouvir este grito e Manuel dos Santos esteve colossal nos três tércios, com a capa, com as bandarilhas e a muleta. Matou o touro valentemente à primeira estocada e a assistência entusiasmada tributou-lhe uma enorme e prolongadíssima ovação que lhe valeu a «Rosa de Ouro».

Passado algum tempo — acrescentou Manuel dos Santos — toureei num «mano-a-mano» com o grande Arruza na praça de Nimes. O antigo circo romano encheu-se por completo. Estavam ali cerca de vinte mil pessoas ansiosas por observar a competição entre os melhores toureiros mexicano e português daquele tempo.

Ao entrar na arena para a sua «faena», Manuel dos Santos, estava de novo tremendamente pálido. Abriu o capote e ouviu alguém da barreira a gritar-lhe «Eh, Manel!». E Manuel dos Santos triunfou.

Arruza, que era então o maior toureiro do México (em 1945 toureou 108 corridas, vindo em segundo lugar Manolete com 71 corridas), era extraordinário com as bandarilhas, onde também foi notável o nosso Manuel dos Santos. Cravou Arruza três excelentes pares de bandarilhas no touro que lidou em «mano-a-mano» com o nosso Manuel dos Santos. E este, deixou outros três magníficos pares de bandarilhas no mesmo touro, com idêntica valentia, serenidade e elegância.

Vivia então em Marselha e fui com minha mulher a Nimes de propósito para aplaudir o nosso compatriota. Manuel dos Santos mandou colocar o seu capote de passeio a engalanar a barreira onde nos sentávamos. E, fomos nós dois, minha mulher e eu, que naquela inesquecível tarde lhe gritámos a um tempo «Eh, Manel!».

Ao recordar agora essa grande figura da tauromaquia, que levou o nome de Portugal e o prestígio do seu toureio por praças de Espanha, França, México, Venezuela, Colômbia e até mesmo de África e do Oriente, prestamos saudosa homenagem a Manuel dos Santos, glória da Festa Brava.

Manuel dos Santos e Carlos Arruza, de quem também fui amigo, imprimiram beleza incomparável ao toureio, dando-lhe novas facetas numa ânsia de maior perfeição. Valentes, destemidos, foram inúmeros os rasgos de audácia e de brio profissional de ambos. Valentia e brio que, mais de uma vez, puseram ao serviço dos pobres e hospitais em festas de beneficência.

Mas toda a medalha tem o seu reverso: Quis o destino que estes dois baluartes da tauromaquia morressem prematuramente, não enfrentando a força agreste de um touro, mas em fatais desastres de automóvel.

MÁRIO DUARTE

1974 Centenário do Nascimento do Sábio

EGAS MONIZ

Continuação da primeira página

e da verticalidade de Egas Moniz) à agressão, a tiro, por um louco.

O Ministro da Educação Nacional não quer ficar alheio à celebração da efeméride; e isto, além do mais, porque — lê-se no despacho do Ministro Prof. Veiga Simão — se verifica «que os trabalhos de Egas Moniz mantêm influência decisiva em vários sectores da Medicina, continuando o seu nome a ser considerado, nos meios científicos internacionais, entre os dos homens que abriram novos caminhos ao progresso das Ciências Médicas /.../, o nome e a obra de um dos maiores médicos portugueses e aquele que /.../ mais prestigiou a ciência portuguesa».

A uma Comissão Executiva, já nomeada, foi deferida a organização do programa das celebrações; e está autorizada a agregar a si diversas entidades e «a estabelecer os contactos necessários com as personalidades e sociedades científicas estrangeiras que já manifestaram o seu interesse pelo Centenário de Egas Moniz».

O Museu Nacional da Ciência e da Técnica — a cuja Comissão Instaladora preside o renomado Prof. Doutor Mário Silva —, a funcionar em Coimbra (provisoriamente, num palacete da Rua dos Coutinhos), já distribuiu cartazes alusivos ao Centenário do Nascimento de Egas Moniz — e bem se compreende que tal organização esteja empenhada em memorar o insigne cientista.

E agora, quando começa a dar-se corpo a uma ampla e justíssima realização, parece oportuno perguntar, voltando os olhos para o *nosso quintal:* — Que se passa quanto ao monumento a Egas Moniz, a implantar na cidade-capital do distrito onde o grande Aveirense viu luz? E recorda-se: está feita, pelo escultor Euclides Vaz, uma excelente alegoria à Medicina, com vista ao monumento; o local, pelo menos em princípio, foi já definido pela Câmara — e é local condigno; são já poucos (os outros morreram) aqueles que, há muitíssimos anos, tiveram a ideia de perenizar Egas Moniz com um monumento em Aveiro.

CONCURSO PÚBLICO

Concurso público para arrematação da empreitada de «Construção de bloco de casas para agentes da Esquadra da P.S.P. de Ovar».

Faz-se público que no dia 30 de Agosto de 1973, pelas 15 horas, no Comando da P.S.P. de Aveiro, se procederá à abertura das propostas para arrematação da empreitada acima referida.

DEPÓSITO PROVISÓRIO . . . 23 772$00

Para ser admitido a concurso é necessário apresentar documento comprovativo de ter feito na Caixa Geral de Depósito, Crédito e Previdência ou suas Delegações, o depósito provisório mediante guia preenchida pelos próprios concorrentes, segundo o modelo que figura no processo do concurso, até às 17,30 horas da véspera do mesmo.

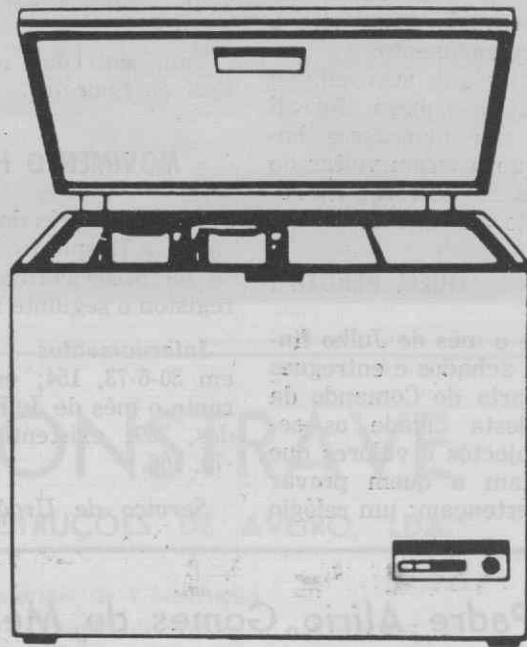
O depósito definitivo será de 5% do preço da adjudicação.

O programa de concurso e respectivo caderno de encargos estão patentes ao público, na Secretaria do Comando da P.S.P. de Aveiro, onde poderão ser consultados todos os dias úteis, nas horas de expediente.

Aveiro, 10 de Agosto de 1973.

O COMANDANTE DISTRITAL,

a) **Amílcar Ferreira**

Capitão

SERVIÇO DE FARMÁCIAS

Sábado	ALA
Domingo	AVEIRENSE
2.ª-feira	AVENIDA
3.ª-feira	SAÚDE
4.ª-feira	OUDINOT
5.ª-feira	NETO
6.ª-feira	MOURA

Das 9 h. às 9 h. do dia seguinte

PASSAGEM DE NÍVEL DE ESGUEIRA

O Município aveirense, na sua reunião da semana transacta, aprovou o projecto para a passagem de nível de Esgueira, que irá agora ser remetido às instâncias competentes para superior e definitiva aprovação.

O custo da obra — que ficará com um vão de quatro metros e noventa de altura e um viaduto de vinte metros de largura, com duas faixas de rodagem, de sete metros cada, e com outras duas de dois metros e vinte para ciclistas — foi computado em 16 216 000$00.

VI CONGRESSO DO ENSINO LICEAL

A Comissão Executiva do VI Congresso do Ensino Liceal fez entrega, na semana transacta, ao Chefe do Distrito dos dois volumes, recentemente editados, das actas e trabalhos do Congresso e, bem assim, de uma medalha comemorativa.

«X ACAMPAMENTO DE VERÃO À BEIRA-MAR»

Por iniciativa da Mocidade Portuguesa e com a colaboração da Comissão Municipal de Turismo, realizar-se-á, na próxima terça-feira, 22, o «X Acampamento de Verão à Beira-Mar».

Entre outros números, foi programado um passeio pela Ria e a projecção de «slides» com motivos regionais.

DEU À COSTA UM GOLFINHO

Na manhã do último domingo, na praia a sul da Costa Nova, deu à costa um golfinho, que pesava cerca de 150 kgs. e media um metro e meio de comprimento.

O cetácio, que apresentava ferimentos na cabeça, foi ali admirado por numerosos banhistas, que o viram voltar de novo ao mar, por força do rebentamento das águas.

QUEM PERDEU?

Durante o mês de Julho findo, foram achados e entregues na Secretaria do Comando da P. S. P. desta cidade os seguintes objectos e valores que se entregam a quem provar que lhe pertençam: um relógio de pulso de senhora; uma carteira de homem com dinheiro; chaves e porta-chaves diversos; notas de banco; um porta-moedas; um estojo; um par de óculos graduados; um porta-moedas com uma chave; uma mala com diversos objectos; duas camisolas; um tampão de automóvel; um saco de plástico com dinheiro; um livro de Francês; e uma chapa de velocípede.

CENTRO DE PÁRA-QUEDISMO DA MOCIDADE PORTUGUESA DE AVEIRO

No prosseguimento das actividades do Centro de Pára-quedismo da Mocidade Portuguesa, os alunos do 1.º Curso de Pára-Quedismo da Delegação Regional de Aveiro realizaram em Coimbra, no Aeródromo de Cernache, mais alguns saltos de abertura automática, a contar para uma totalidade de dez saltos por aluno, necessários para a concessão das asas de pára-quedista civil.

No final da sessão de saltos de abertura automática executados pelos alunos de Aveiro, alguns filiados do Centro de Instrução Especial de Pára-Quedismo de Lisboa, um instrutor do Centro de Aveiro e um sócio praticante do Aeroclube Universitário de Lisboa executaram saltos em queda livre com retardos variáveis.

A sessão despertou muito interesse entre assistentes e alunos, contando-se, uma vez mais, com a presença duma filiada praticante do Centro de Instrução Especial de Aveiro.

As actividades prosseguem, devendo concluir-se o curso em funcionamento no final do próximo mês de Setembro.

NOVO ESTABELECIMENTO

Ao n.º 12 da Rua de Eça de Queirós, foi inaugurado, no pretérito sábado, um estabelecimento de café e bilhares, denominado «Ramona», de que é proprietária a firma Portela & Joaquim, Lda.

Com feliz aproveitamento do vasto rés-do-chão de um prédio antigo, apresenta-se modernizado, confortável, aliciante mesmo.

Tem entrada, ainda, pela Rua do Loureiro.

MOVIMENTO HOSPITALAR

Durante o mês de Julho transacto, o Hospital da Santa Casa da Misericórdia de Aveiro registou o seguinte movimento:

Internamentos — existentes em 30-6-73, 154; entradas durante o mês de Julho, 381; saídos, 369; existentes em 31-7-73, 166.

Serviço de Urgência — consultas no Banco, 800; tratamentos, 651; injecções, 330.

Banco de sangue — transfusões de sangue, 66; transfusões de plasma, 6.

Intervenções Cirúrgicas — de grande cirurgia, 138; de pequena cirurgia, 24.

Raios X — radiografias efectuadas, 630; sessões de fisioterapia, 90.

Análises Clínicas — análises diversas, 1 547.

Consulta externa — consultas, 637; tratamentos, 395; injecções, 380.

Obstetrícia — partos, 45.

MOVIMENTO DO MATADOURO

Durante o mês de Julho findo, o Matadouro Municipal de Aveiro registou uma receita de 68 contos e uma despesa de 72 contos, sendo que a carne das diversas espécies de animais abatidos perfez um total de 119 668 kgs.

SUBSÍDIOS CAMARÁRIOS

O Município aveirense deliberou atribuir um subsídio anual de 2 500$00, por cada secção (masculina e feminina), às Confrarias de S. Vicente de Paulo das freguesias da Glória e da Vera-Cruz, para fins assistenciais.

CARTAZ DOS ESPECTÁCULOS

Cine-Teatro Avenida

Sábado, 18 — à noite: O DESAFIO DE PANCHO VILLA — com Telly Savalas e Anne Francis — para maiores de 14 anos.

Domingo, 19 — à tarde e à noite, e Segunda-feira, 20 — à noite: A ORGANIZAÇÃO — com Sidney Poitier — para maiores de 18 anos.

Terça-feira, 21 — à noite — O HOMEM QUE EU NÃO MATEI

Quinta-feira, 23 — à noite: NAS MALHAS DA REDE — com Gene Hackman e Karen Black — para maiores de 18 anos.

Cartões de Visita

Mário da Rocha

Vítima de acidente na estrada, perto da Vila da Feira, sofreu algumas fracturas o nosso distinto colaborador prof. Mário da Rocha, que actualmente dirige, com a sua conhecida proficiência, o nosso prezado colega «O Ilhavense».

Das consequências directas do desastre e de certas sequelas, que mais ainda o atormentaram, está, felizmente, a ressarcir-se.

Desejamos-lhe completo e rápido restabelecimento.

De Férias

● Esteve nesta cidade, de visita a seus familiares, o aveirense e nosso bom amigo Mário de Melo Silva, que regressou já a Newark, América do Norte, terra em que se encontra radicado há já alguns anos.

● Com sua família, encontra-se na praia de Albufeira, no Algarve, em gozo de férias, o ilustre advogado aveirense sr. Dr. Álvaro Neves.

REVISTA «SEGURANÇA»

Completamente remodelada, com formato maior e novo aspecto gráfico, está em distribuição o número da revista «SEGURANÇA» referente ao primeiro trimestre do ano corrente. Esta revista, edição do Centro de Prevenção e Segurança, apresenta o seguinte sumário: «A Segurança no Trabalho e as Relações Humanas», «Reflexões sobre condições básicas para uma acção de prevenção eficiente», «Lançamento de um programa de segurança», «O trabalho nocturno como risco ocupacional», «Para uma estratégia global de prevenção e segurança contra incêndio», «A ventilação e o incêndio», «A prevenção em mercadorias transportadas por via marítima».

Além destes temas, assinados por especialistas, insere, ainda, informações de interesse para quantos se dedicam aos assuntos da prevenção e segurança.

CARLOS ANTÓNIO TEIXEIRA CARVALHO

AGRADECIMENTO

Sua família, compreendendo ser impossível agradecer individualmente, como pretendia, a todas as pessoas que a vêm acompanhando com manifestações de pesar e muita estima e que acompanharam o saudoso extinto à sua última morada, vem fazê-lo por este meio, em momento tão doloroso que atravessa, profundamente reconhecida, e, ao mesmo tempo, pedir desculpa por qualquer falta involuntariamente cometida.

Gafanha da Nazaré, 16 de Agosto de 1973.

ASSEMBLEIA DA BARRA

CONVOCATÓRIA

Assembleia Geral Ordinária

Ao abrigo do n.º 1 do art. 36.º dos Estatutos, a Direcção da Assembleia da Barra convida os Ex.mos Sócios a comparecerem, no próximo dia 29 de Agosto corrente, pelas 21 horas, na nossa sede, a fim de deliberarem sobre o seguinte:

—Eleição dos Corpos Gerentes para o triénio de 1974-1976.

Barra, 16 de Agosto de 1973.

Pela Direcção
O PRESIDENTE
a) **José Pereira Zagallo**

Padre Alírio Gomes de Melo

Agradecimento

Seu irmão, cunhada, sobrinhos, primos e demais família servem-se deste único meio, para manifestar o seu profundo reconhecimento a todas as pessoas que, de qualquer maneira, lhes manifestaram o seu pesar e os acompanharam na sua dor.

Oliveira de Azeméis, Agosto de 1973.

Um caso linguístico

A Palavra "Machila"

Continuação da primeira página

muito tempo em territórios africanos, a roda teve aí uma aplicação muito reduzida e não falta por cá quem ainda conte as suas deambulações aventureiras ao longo de estreitos carreirinhos durante longas distâncias através da floresta, fazendo-se acompanhar somente do grupo de **machileiros** aborígenes que, em cadência monótona, venciam o espaço e o tempo.

Não há dúvida de que os faustosos e celebérrimos reis da antiguidade oriental nos aparecem, quer representados em baixo-relevo e em estátuas sobre palanques transportados por escravos e protegidos do sol e dos insectos importunos por leques manejados por outros tantos, quer deslocando-se sobre carros puxados por cavalos ou até por bois.

Na antiguidade greco-latina aperfeiçoam-se e esmeram-se essas possibilidades de transporte. As vastas conquistas que levaram à formação de tão dilatado império proporcionaram as longas caminhadas, a abundância de escravos e os cortejos espampanantes e desumanos dos vencedores na capital do mundo romano.

Marco Túlio Cícero, tentando escapar à morte, faz-se levar numa cadeirinha — aquilo a que os Latinos chamavam **sella gestatoria** ou **lectica** — em marchas forçadas, para alcançar o porto marítimo que lhe daria a salvação. Ao pôr a cabeça de fora, logo que se soube perseguido, teria pensado com certeza na célebre frase que já tinha saído do seu **calamus: Mortem portum nobis et perfugium putemus.** E ali ficou banhado em sangue...

Há, pois, muita coisa que nos foi dada pelas civilizações com que estivemos em contacto em primeiro lugar. Mas coube também aos portugueses trazerem em primeira mão para o conjúgio dos povos da Europa tantas maravilhas encontradas entre populações até então desconhecidas.

Ora, tendo sido os portugueses e os espanhóis os primeiros povos a contactarem gentes estranhas, a admirarem seus usos e costumes e a ouvirem a sua fala, repugna-nos muitas vezes aceitar a tese de que esta ou aquela palavra, este ou aquele objecto, vieram de tal território através de outra língua ou de outro povo. Se a história da palavra nos confirma concretamente qual foi o primeiro a registá-la por escrito, fica a lacuna da oralidade e da observação, sempre previsível no campo da História. A afirmação de Garcia de Resende no **Prólogo** ao «Cancioneiro Geral» de que os portugueses, tendo praticado grandes feitos, não costumavam escrever o que faziam, é tão verdade que, a partir dela, podemos pôr em dúvidas alguns dados já tidos por alguém como certos e que muitas vezes nada mais representam do que ignorância ou inveja escondidas sob a capa da prosápia nacionalista de outros povos aventureiros, cujos empreendimentos vieram nascendo à babugem de outrem.

●

O primeiro autor europeu a falar-nos da rede de dormir foi Pêro Vaz de Caminha que, ao fazer a descrição de uma das casas dos Tupiniquins, regista: **...e, de esteio a esteio, uma rede atada pelos cabos, alta, em que dormiam.**

Não há dúvida nenhuma de que a **rede de dormir** é de origem autóctone brasileira e servia para o descanso durante a noite; seria fabricada, conforme as circunstâncias, com a grande quantidade de fibras da vegetação local e oriunda dessas regiões do continente americano.

Os portugueses imediatamente a descobriram e registaram a sua existência; acharam-na útil e passaram a usá-la nas suas instalações tropicais, onde veio a ter papel preponderante na **casa grande;** os franceses parece que registaram o nome indígena HAMACA, mas deram-lhe inicialmente o nome de BRANLE, antes de HAMAC; quanto a nós, todavia, os espanhóis levam-lhes vantagem com MACA, origem das outras palavras europeias, e que também nos veio a cair em casa.

A verdade é que as instalações de rede nos barcos dos séculos XVI e XVII eram muito mais práticas e adaptáveis às grandes viagens do mar e ao movimento ondulatório dos navios.

Em 1959, o grande etnólogo brasileiro Luís da Câmara Cascudo deu à estampa uma **pesquisa etnográfica** da «Rede de dormir», cuja leitura nos levou a meditar muito sobre um meio de transporte há cerca de três décadas desaparecido em Moçambique, salvo raríssimas excepções muito no interior do Estado, ainda usado pelos régulos.

Em boa verdade, a rede dos índios brasileiros (os Uitotos do alto Japorá e do Içá com seus afluentes) de fins primários especificados, entrou na casa do colono português, adquiriu requintes de tessitura e vantagens incomparáveis em relação às exigências do ócio dos escravocratas, impondo-se posteriormente como um objecto imprescindível da casa tipicamente nacional.

Mas, se a rede ganhou com o enriquecimento da tessitura, não é menos certo que ela veio para a rua, universalizando-se no apoio a vários trabalhos da vida quotidiana. Saiu dos abrigos recatados da varanda ou do pequeno canto familiar e íntimo para fazer o transporte em longas caminhadas da **sinhá,** do mineiro, do fazendeiro e também dos doentes e dos mortos para o cemitério.

Mas, muito mais do que isso, a rede não só saiu de casa para a rua em pleno território brasileiro, como, adaptando-se ao movimento embalador das naves, lhes serviu de tarimba, vindo para outras zonas tropicais ocupadas pelos portugueses: Angola (Luanda) e outras regiões da costa ocidental da África, Moçambique e Índia.

É Câmara Cascudo que afirma que «A rede não nos veio d'África porque lá é o reino dos estrados, esteiras, gabatos, plataformas, camas rasteiras de couro de búfalo ou de antílope. Nunca viram rede antes que as conduzissem espanhóis e portugueses». Informa em seguida que também não foi herdada da Oceânia, Polinésia, Micronésia, nem sequer da Ásia e diz que «No mobiliário asiático a cama não é uma constante. Índia, China, Japão, foram centros irradiantes das esteiras fofas, os **tatamis,** alcatifando as residências ricas e pobres e sobre essas espécies de tapetes o asiático nascia, vivia, alimentava-se, dormia e morria. A esteira espessa e macia é que constituiu, e constitui funcionalmente, a constante para esses povos».

Que se saiba por registo próprio, nenhum explorador encontrou a rede em territórios africanos nos seus primeiros contactos com as tribos indígenas. E o Oriente, apesar do ambiente de mistério e de magia em alcatifas convidativas às delícias e ao prazer, desconheceu-a completamente. No entanto, a Enciclopédia Italiana de 1933, informa-nos: «Fuori dell'America, una sola area culturale possiede l'amaca (di fibre intrecciate, a rete: la porzione sul-orientale della Nuova Guinea». Isto levanta o problema das possíveis relações entre estes dois povos utilizadores da rede em primeira mão. Mas isso é outro caso.

É, pois, natural que houvesse vários tipos de rede em que variava a matéria de que eram feitos tais objectos. Câmara diz-nos que um dos tipos que chegou até nós foi a MAQUIRA, tipo de redes conhecidas por MAQUEIRAS, sinónimo de **redes tecidas,** e dá-nos um pequeno vocabulário indígena em que entra a palavra MAKYRA com o mesmo sentido.

Nós estamos absolutamente convencidos de que os portugueses e os espanhóis são os grandes responsáveis pela universalização deste objecto nas zonas tropicais, não propriamente como leito mas como meio de transporte; neste caso, a matéria-prima teria de ser substituída, o que de facto aconteceu, pois o movimento e o peso constante dos corpos obrigavam a materiais mais sólidos. Em boa verdade, «La amaca se construye también de telas fuertes».

Morais e Silva, em 1831, ao dar-nos a sua definição de REDE, esclarece: «no Brasil, tecido de malha com ramais, os quais se atam nos extremos de uma vara, ou a duas argolas, e fica como uma funda, na qual se deitam a dormir, ou são levados às costas de pretos, que sostém cada um no ombro o extemo da tal vara, ou **pão de rede,** que é uma espécie de cana massiça de Angola, assas leve».

A «Enciplopédia Italiana» de 1933, afirma que «per transporto, a guisa de lettiga: per questo uso essa è stata anche introdotta dai Portoghesi nell'Africa tropicale». O «Dizionario Enciclopedico Italiano» de 1955, diz: «In Africa, la sua diffusione è limitata al versante atlantico (Angola, Congo, Alta Guinea) e ha probabilmente carattere secondario. Sospese a una o dua pertiche, l'a può essere usata per li transporto di persone (Cina, Corea, Giappone, etc)».

●

Pelo que temos vindo a apresentar, e de acordo com os estudos feitos, concordamos que a REDE foi trazida para África (oriental e ocidental) e para a Índia pelos portugueses; e, se o africano dormia no chão, sobre esteiras, como ainda hoje é tão frequente, a rede ficou a ser conhecida como forma de transporte.

Mas fala-se em África (com designação especial para a costa ocidental— Angola, Congo, etc.) e Índia; não há, pois, uma referência à costa oriental, em particular a Moçambique, o que nos confrange, visto que o transporte que nos veio da rede brasileira — MACHILA — foi de tão aturado uso nesta província, praticamente no século XIX, em todo o primeiro quartel do século XX e longa parte do segundo.

O que é, pois, a MACHILA? — É a pergunta que qualquer europeu faz, quando, chegado a Moçambique, ouve falar um velho colono, pioneiro no desbravar destas terras e no avanço para o interior, fosse qual fosse a sua intenção. O próprio Cândido de Figueiredo fixou o vocábulo já de uso decadente, dizendo que «se trata de palanquim ou espécie de maca, para transporte de pessoas na África e na Índia». O mesmo decionarista regista ainda MACHIRA, com o mesmo sentido.

A 5.ª edição do «Dicionário da Língua Portuguesa» de J. Almeida e Costa e A. Sampaio e Melo regista MACHIRA como termo moçambicano, significando o mesmo que MACHILA e, entre parêntesis, apsesenta o seguinte esclarecimento: «Tetense MACHIRA, de CHIRA». O mesmo dicionário regista ainda (de MACHIRA) como sendo «cadeirinha ou palanquim usado na Índia e na África para transporte de pessoas».

De MACHILA formou-se ainda **machileiro,** o condutor de MACHILA, ou com sentido pejurativo, indivíduo pouco educado.

●

Na realidade, temos em Moçambique um meio de transporte de origem brasílico-americana, muito semelhante à rede de transporte, mas de lona, aberto, com protecção superior por causa do sol, e que foi muito usado antes do avanço do caminho de ferro para o interior e, sobretudo, antes da cobertura rodoviária que permitiu a circulação dos veículos automóveis.

Não é, pois, uma criação original. Temo-la, mas cremo-la, como já dissemos, de importação brasileira. Então por quê o nome da MACHILA, cujo étimo parece estar ainda envolto pelo domínio das trevas?

É então sobre esse problema linguístico que vamos apresentar as nossas hipóteses, as nossas opiniões. Elas não têm a pretensão de solucionarem a questão em causa, mas de serem somente um pequeno e modesto contributo para a sua resolução.

Quais são os nomes que nos vêm dos indígenas brasileiros para o objecto em pendência?

Pêro Vaz de Caminha, em Porto Seguro, esteve pela primeira vez em presença de uma INI, numa casa de autóctone tupiniquim.

Os Cariris chamavam à sua rede de dormir PITÉ.

Entre os indígenas Tupis, Arwaques, Tucanos e Tapuios, muitas vezes se topava a KISÁUA ou KIÇABA, rede de trinta fios ou de travessa, feita de **miriti.**

No Amazonas, e anteriormente em S. Paulo e Minas Gerais, o tipo que prevaleceu foi a MAQUIRA ou redes tecidas ou entrelaçadas — as MAQUEIRAS. Efectivamente, entre indígenas e mestiços que falavam a linguagem **nhengatu,** encontra-se este vocábulo com maior ou menor frequência: MAKYRA.

O Caraíba, o Tupi-Guarani, o Aruaque e o Cariri foram devotos da rede que se apresenta como uma dádiva da terra brasileira. Mas os Aruaques que faziam as suas redes de fibra de palmeira, e os Caraíbas que empregavam nelas o algodão, são os responsáveis pelo termo AMACHE, donde o espanhol **hamaca** e os vocábulos em outras línguas da Europa: port. **maca,** it. **amaca,** fr. **hamac,** etc. Pelo que nos foi dado compreender, somos da opinião de Câmara Cascudo, quando afirma que, logicamente, o pai da **maca** é o espanhol e não o francês.

Do vocabulário indígena brasileiro invocado por nós, achamos importante fixar o seguinte pequeno grupo de palavras: AMACHE (HAMACA=MACA), MAKYRA e MAQUEIRA.

Parece-nos, embora não tenhamos possibilidades de o confirmar, que há relações de fonética muito íntimas entre elas; e consideramos, sem sombra de dúvida, que o termo moçambicano MACHILA, que já nem sequer faz parte da Enciclopédia Verbo em publicação, assenta nessa base linguística.

Embora tenhamos os grupos KY, KEY e KE (CHE) na sua origem, é-nos difícil encontrar a explicação para o fenómeno da palatalização do C em tais circunstâncias fonéticas para o português, fenómeno que não é normal na evolução desta língua.

Quanto a nós, a existência do grupo palatal na palavra MACHILA só se pode explicar pela influência de outra palavra com cujo sentido se possa associar; há com certeza o fenómeno de contaminação fonética ou cruzamento de palavras.

O Dicionário de Almeida e Costa e de Sampaio e Melo diz-nos que o termo MACHILA vem do tetense MACHIRA, de CHIRA; não podemos comprovar até que ponto é verdadeira esta opinião. A ser assim, não se nos afigura de difícil explicação a existência de tal vocábulo, pois as consoantes L e R, sendo duas líquidas, trocam entre si com relativa frequência em palavras portuguesas, aportuguesadas ou integradas em línguas africanas, como poderíamos provar com exemplos concretos de linguagem macua.

Vamos, todavia, mais longe. As lécticas romanas eram transportadas por escravos; as redes de transporte e viagem foram também levadas ao ombro por escravos negros. As cadeirinhas e as liteiras, produto moderno das lécticas latinas, embora pudessem ser transportadas por escravos (tempo escravagista), foram-no também por meio dos criados das casas nobres e de alguns animais — burros, cavalos e, sobretudo, muares — que substituiram muitas vezes esses infelizes seres humanos que assim teriam dispendido autêntico esforço e serviço de **machos.** Ora o **macho** e a **mula** não estiveram alheios ao transporte das pessoas por este processo, nos vastos territórios onde viveram portugueses.

Daí que, tivessem servido os machos como verdadeiros motores na condução do palanquim, tivessem feito os pobres diabos dos criados brancos na Europa ou os escravos negros, por estes territórios extensos da África, **serviço de machos,** consideramos que esta palavra terá sido responsável na formação de MACHILA. Por outro lado, sabendo nós quanto era necessária a existência de um saco para transporte de víveres e de água nas dilatadas andanças sob este estafante clima africano — a **mochila** — pode muito bem ter acontecido que esta palavra tenha exercido a sua influência e vincule a sua responsabilidade ao aparecimento deste termo moçambicano.

●

Não pretendemos apresentar uma solução. Foi nossa intenção darmos algumas achegas, expor ideias nossas, levantar o problema e pô-lo a par de tantos outros já existentes e que se têm tornado tantas vezes motivos aliciantes de um estudo mais aturado e mais sério.

Parece-nos possível que um dia, já na posse de novos dados e em situações mais concretas, voltemos ao assunto. Para já, regista-se com toda a força uma palavra que teve vida muito intensa, mas que, actualmente, com o desaparecimento progressivo do objecto e ora quase desnecessário como meio de transporte, tende também a perder-se no conjunto do nosso vocabulário de Moçambique.

Nampula, Páscoa, 1973

ANTÓNIO CAPÃO

Em cima: **Zambézia — viagem em machila**
Em baixo: **uma machila em 1955**

Cartório Notarial de Ílhavo

Certifico, para efeito de publicação, que por escritura de um do corrente mês, lavrada de folhas 27 a 30, do livro de notas para escrituras diversas A-80, deste Cartório, o capital social da sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, com sede na Rua Trindade Coelho, n.º 5, da cidade de Aveiro, denominada «SOCIEDADE DE PESCA MAR ÁRTICO, LIMITADA» foi elevado, depois de prévia unificação de duas quotas do sócio João Madail dos Santos numa só quota, para 4 000 000$00, com um reforço de 3 000 000$00, quantia esta integralmente realizada, sendo 1 000 000$00 por incorporação de fundos de reserva e 2 000 000$00 em dinheiro.

Que em consequência foi alterado o artigo 3.º do pacto social da mesma sociedade o qual passou a ter a seguinte redacção:

Art. 3.º — O capital social, integralmente realizado, em dinheiro, é de 4 000 000$00, dividido em quatro quotas pertencendo: uma de 1 400 000$00 ao sócio Manuel Ferreira da Silva; outra de igual montante de 1 400 000$00 ao sócio João dos Santos Madail; outra de 800 000$00, ao sócio Adelino Ferreira Sardo; e outra de 400 000$00 ao sócio Domingos Marques de Oliveira.

Está conforme e declara-se que na escritura nada há que altere, amplie ou condicione o que aqui se certificou.

Cartório Notarial de Ílhavo, 4 de Agosto de 1973.

O AJUDANTE,

a) Egídio Esteves Rebelo

LITORAL — Aveiro, 18/8/73 — N.º 795

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE VAGOS

ANÚNCIO

1.ª Publicação

No dia quatro do próximo mês de Outubro, pelas onze horas, no Tribunal desta comarca, nos autos de carta precatória vindos da comarca de Águeda, e extraídos da execução ordinária, que Frauzino Marques, casado, proprietário, de Macieira de Alcoba-Águeda, move contra Maria Nunes Pereira, viúva, doméstica, residente em Calle 17 — n.º 17 — 85 — Borquisimento — Venezuela, que correm termos pela Secretaria deste Tribunal, serão postos em praça pela primeira vez, para serem arrematados ao maior lanço oferecido acima do valor adiante indicado, os seguintes prédios penhorados àquela executada:

1.º

Metade de umas casas de habitação, quintal e suas pertenças, no lugar do Boco, freguesia de Sosa-Vagos. Vai à praça no valor de 10 000$00.

2.º

Prédio rústico composto de um terreno a mato, no Forno Velho, lugar do Boco, freguesia de Sosa-Vagos. Vai à praça pelo valor de 5 200$00.

3.º

Prédio rústico composto de um terreno a mato, sito na Presa, limite do Boco-Sosa-Vagos. Vais à praça no valor de 3 275$00.

4.º

Prédio rústico composto de um terreno sito no Arraial, limite do Boco-Sosa-Vagos. Vai à praça no valor de 2 250$00.

5.º

Prédio rústico composto de uma praia, sita na Torreira, limite da freguesia de Ouca, concelho de Vagos. Vais à praça no valor de 1 100$00.

Ficam também por este meio notificados a executada Maria Nunes Pereira, viúva, doméstica, residente em Calle 17-n.º 17-85-Borquisimento-Venezuela e os comproprietários do prédio descrito em número UM, Cremilde Pereira da Rosa e Manuel Pereira da Rosa, solteiros, residentes na morada acima indicada, do dia, hora e local para a arrematação do mesmo, podendo usar do direito de preferência na compra do mesmo, o que deverão fazer no acto da praça e dele usando, terão de depositar todo o preço no acto da praça, não sendo notificados do momento da realização da 2.ª ou 3.ª praça, caso se verifiquem.

Vagos, 30 de Julho de 1973.

O JUIZ DE DIREITO,
a) João Henrique Martins Ramires

O ESCRIVÃO DE DIREITO,
a) António José Robalo de Almeida

LITORAL — Aveiro, 18/8/73 — N.º 795

Ministério da Economia
Secretaria de Estado da Indústria
Direcção - Geral dos Combustíveis

EDITAL

Eu, ARTUR MESQUITA, engenheiro-chefe da Delegação da Direcção-Geral dos Combustíveis:

Faço saber que a firma SANATEXTIL — SANITÁRIOS TEXTEIS, LDA., pretende obter licença para uma instalação de armazenagem de fuel-oil, com a capacidade aproximada de 15 000 litros, sita no Lugar de Canaveias, freguesia de Maceda, concelho de Ovar, distrito de Aveiro.

E como a referida instalação se acha abrangida pelas disposições do Decreto n.º 29 034, de 1 de Outubro de 1938, que regulamenta a importação, armazenagem e tratamento industrial dos petróleos brutos, seu derivados e resíduos e pelas do Decreto n.º 36 270, de 9 de Maio de 1947, que aprova o Regulamento de Segurança daquelas instalações, com os inconvenientes de perigo de incêndio, explosão e derrâmes, são por isso e em conformidade com as disposições do citado Decreto n.º 29 034, convidadas as entidades singulares ou colectivas, a apresentar, por escrito, dentro do prazo de 20 dias, contados da data da publicação deste edital, as suas reclamações contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo, nesta Delegação, situada na Rua do Dr. Alfredo de Magalhães, n.º 68-3.º Dt.º, no Porto.

Porto, 20 de Julho de 1973.

O ENGENHEIRO-CHEFE DA DELEGAÇÃO,

a) Artur Mesquita

LITORAL — Aveiro, 18/8/73 — N.º 795

DESPORTOS

Continuações da última página

Xadrez de Notícias

Porfírio de Carvalho e Silva (1.ª categoria) deixa a arbitragem.

● A XXII Volta Ciclista ao Concelho de Ílhavo, para «populares», foi marcada para o dia 9 do próximo mês de Setembro. Terá duas etapas — uma de estrada, com início às 9,30 horas; outra em circuito, dentro da vila-maruja, que principiará às 16 horas.

● Na próxima temporada, a Secção de Hóquei em Patins do Beira-Mar tenciona ter em funcionamento uma Escola de Patinagem, donde possam surgir elementos para ingressarem nas equipas (que pretende criar) de juniores, juvenis, iniciados e infantis.

● Fazendo equipa com «Nicha» Cabral, o *volante* aveirense António Peixinho triunfou, no passado domingo, na corrida automobilística *500 Quilómetros de Benguela*, disputada no autódromo internacional daquela cidade angolana.

Tripularam um «Lola T-290» e ganharam com substancial avanço sobre o inglês Ray Fallo.

● Pelo Fundo de Fomento do Desporto foi concedido à Câmara Municipal de Ílhavo um subsídio de mil contos, para a construção de uma piscina aquecida, que deverá estar concluída em Julho de 1974.

A obra será construída em terrenos anexos ao Pavilhão de Desportos daquela vila.

● Com vista ao Campeonato do Mundo de Ciclismo, a realizar no dia 2 de Setembro, em Barcelona, no lote de corredores pré-seleccionados para a turma que irá representar Portugal, encontram-se dois homens do Sangalhos: o já consagrado Herculano de Oliveira e o jovem e promissor José Sousa Santos.

● A próxima temporada do Andebol terá início em 1 de Setembro. No Basquetebol, a época oficial abriu em 1 de Agosto corrente, encerrando em 30 de Junho.

Os sorteios dos respectivos campeonatos nacionais foram marcados para 1 de Setembro (andebol) e 3 de Setembro (basquetebol).

● Na lista dos corpos gerentes para 1973, da Federação Portuguesa de Natação, Aveiro tem dois representantes: um vogal da Direcção (Laerthes Correia Nobre) e um vogal-substituto do Conselho Fiscal (Diamantino Tomé).

Notícias do BEIRA-MAR

● Uma curiosidade. Durante a época que findou, o Beira-Mar tinha, na situação de «emprestados» a clubes do Distrito, mais de duas dezenas de futebolistas, seniores e juniores.

Eis os seus nomes: no ALBA — Bertino, Loura, Morais e Armando Ferreira (actualmente no Ultramar); no OLIVEIRA DO BAIRRO — José Manuel; no GAFANHA — Vítor Perdigão, António Mendes Dias, António Moreira Rocha, Américo Jesus Ramalho, António Luís Gonçalves Oliveira, Manuel Maria Silva e Joaquim Carvalho Silva, «Quim» (este regressado esta temporada); no ESTARREJA — Armando Ferreira de Pinho, Cassiano Almeida Andias, Manuel Alexandre Leite, Jorge Manuel Valente e Joaquim Rolando Campos Gomes; e, no VALONGUENSE — Américo Ferreira Almeida Marcos, «Meco», António Jorge Correia Mendonça, José Carlos Ferreira de Pinho e Fernando Manuel Cardoso.

I TORNEIO DE FUTEBOL DE SALÃO DOS KOXYXUS

1: Satelauto, 0-Banco Fonsecas & Burnay, 4; Papelaria Avenida, 1-Bombeiros Velhos, 0.

●

Classificações após a 21.ª jornada:

SÉRIE A — 1.º Carlsberg Team (18-5), 15 pontos; 2.º Electro Cruzeiro (12-8), 12; 3.º Hotel Imperial (11-5), 11; 4.º Café Rossio (19-10), 9; 5.º Barbearia Central (3-9), 7, 6.º Mármores Alegria (5-11), 6; 7.º Banco Espírito Santo (1-26), 4.

As turmas do Café Rossio e da Electro Cruzeiro contam já cinco jogos e o Carlsberg Team seis — contra quatro dos restantes concorrentes.

SÉRIE B — 1.º Banco Fonsecas & Burnay (9-4), 13 pontos; 2.º Café Ramona (8-2), 12; 3.º Satelauto (10-22), 10; 4.º Café Tako (14-4), 9; 5.º Malhitel (9-9), 8; 6.º Café Grilo (6-9), 6; 7.º Tangará (5-11), 6.

Os grupos do Banco Fonsecas & Burnay e do Café Ramona já efectuaram cinco desafios e a Satelauto seis — enquanto os outros conjuntos só realizaram quatro.

SÉRIE C — 1.º Papelaria Avenida (14-12), 16 pontos; 2.º Lark Malhas (11-2), 12; 3.º Os Melhores (8-15), 9; 4.º Utilar (7-5), 8; 5.º Belsan (5-6), 8; 6.º Os Putos (3-9), 6; 7.º Bombeiros Velhos (2-11), 5.

As formações de Os Melhores e dos Bombeiros Velhos já realizaram cinco jogos e a Papelaria Avenida seis — contando quatro todas as outras equipas.

SÉRIE D — 1.º Tonelux (22-5), 12 pontos; 2.º Stand Justino (12-5), 12; 3.º Paula Dias (13-3), 10; 4.º Os Unidos (5-7), 10; 5.º Motociclo Beira-Mar (7-7), 7; 6.º Banco Português do Atlântico (2-14), 5; 7.º Café Ribeiro (1-21), 4.

As equipas do Stand Justino e de Os Unidos efectuaram já cinco encontros, tendo as restantes, todas elas, apenas quatro.

●

Programa a seguir, a partir da noite de hoje:

Sábado, 18 — Tangará-Malhitel, Utilar-Belsan e Paula Dias-Tonelux.

Segunda-Feira, 20 — Café Tako-Café Grilo, Mármores Alegria-Hotel Imperial e Stand Justino-Motociclo Beira-Mar.

Terça-feira, 21 — Motociclo Beira-Mar-Café Ribeiro, Hotel Imperial-Barbearia Central e Banco Português do Atlântico-Paula Dias.

Quarta-feira, 22 — Lark Malhas-Utilar, Café Grilo-Tangará e Banco Espírito Santo-Electro Cruzeiro.

Quinta-feira, 23 — Malhitel-Café Ramona, Belsan-Os Melhores e Tonelux-Os Unidos.

RECORTES

Rubrica coordenada pelo DR. LÚCIO LEMOS

NÃO SEJAMOS INJUSTOS PARA COM O FUTEBOL

«Normalmente, quando certos jovens escrevem sobre futebol, está muito na moda falar no desporto alienatório. Futebol é encarado como algo de segunda, que deve desaparecer, completamente, face ao desporto de massas, ao desporto escolar, ao desporto que, aliás, não me canso de defender, nestas colunas.

E comece por sublinhar-se que, quando se fala em futebol, não está só a referir-se o que pode ocorrer entre as quatro linhas, mas em todo o fenómeno de espectáculo, de profissão, de gentes, de Imprensa, toda esta grande roda que se chama futebol.

Portanto, de bom tom é pugnar pelo desporto e encarar, sobranceiramente, o tal futebol.

Se não se importam, deixem-me hoje contestar... esta contestação. Porque é injusta.

Primeiro, frisar bem que futebol não é desporto de capitalismo. Quem viu o pequeno filme do Bulgária-Portugal, por exemplo, lá deu conta do entusiasmo dos 70 000 espectadores. Quem seguiu o andebol na Roménia, não desconhece que os romenos, puxando, ao máximo, pelo seu andebol, acabam sempre por confessar que, no seu país, o futebol é o desporto mais popular.

É um fenómeno que não interessa, agora, compreender, mas é bom, é justo, que fique esclarecido, que futebol é a mesma coisa aquém e além-fronteiras, aquém e além-Cortina de Ferro, e mesmo promotor de entusiasmos e paixões. A Albânia toma parte em todas as competições da U. E. F. A., embora arranje sempre uns sarilhos dos demónios, e agora que os chineses começaram a «atirar-se cá para fora», contem com eles muito em breve, e vai ser lindo.

Futebol é, pois, universal, independentemente de sistemas políticos ou ideológicos.

Em Portugal, ainda há o acrescento de que o futebol, o dinheiro do futebol tem sido o sustentáculo de quase todo o resto da organização desportiva. Os clubes de futebol é que dão as oportunidades, o totobola — do futebol — fornece dinheiro.

Evidentemente que existe, paralelamente, todo um problema de desporto escolar, de desporto de massas, que tem de ser considerado. Mas o futebol não tem nada com isso. E até tem ajudado. MUITO. Não sejamos injustos com o futebol.»

(Palavras de «Ronaldo, o Contestatário», publicadas no Suplemento Desportivo de «O Século», de 14-5-73)

NOTÍCIAS DO BEIRA-MAR

● A projectada e anunciada digressão da equipa de futebol do Beira-Mar aos Estados Unidos da América e ao Canadá, entre 15 e 30 do corrente mês de Agosto, ficou sem efeito — como consequência da falta de garantias exigidas pelos dirigentes aveirenses para a viagem e para a série de cinco jogos primeiramente acordados.

O «caso» só anteontem se decidiu — pelo que, com vista à preparação da turma aurinegra até ao jogo-estreia oficial, contra o Olhanense, se está a organizar um novo programa em que, provavelmente, poderá incluir-se uma saída à vizinha Espanha.

Continua na penúltima página

SECÇÃO DIRIGIDA POR ANTÓNIO LEOPOLDO

Postais de Luanda

Escritos por JOAQUIM DUARTE

DESPORTOS AQUÁTICOS

Na Metrópole, em plena época de Verão, porque aqui impera o «cacimbo», tempo fresco a pedir agasalhos, especialmente à noite, fazendo lembrar muitas vezes o pôr-do-Sol agreste da Praia da Barra, na Metrópole, íamos a escrever, disputam-se durante este mês de Agosto os Campeonatos Nacionais de Natação, que contam com a presença de nadadores angolanos.

Ora, o facto pouca importância terá, se nos lembrarmos que, além de Angola, estarão presentes também os representantes de Moçambique e da Metrópole, o que dá desde logo um ar de rotina à competição. Mas há algo mais a assinalar no que respeita à presença angolana. Cremos bem que a maioria dos aveirenses desconhece, o que é perdoável, a Natação destas bandas. Só esporadicamente, o que também é compreensível, é que os jornais desportivos se referem a Angola, e não sabemos se a Rádio, que nem sempre chega aqui em boas condições, tem dedicado alguma atenção aos desportos aquáticos.

Pois agora, que, finalmente, se construiu a almejada piscina (que não tem nada a ver, ao que suponho, com as projectadas em tempos pelo Município) parece-nos oportuno referir aqui uma figura bem conhecida dos aveirenses, sobretudo das gentes do Beira-Mar, e que dá pelo nome de José Manuel Pintassilgo. Porquê no *Litoral* o nome deste técnico? Bom. O Pintassilgo, que é treinador nacional de Espanha, e que nos tempos do tanque-piscina do Alboi trabalhou para os amarelos-negros, é, desde há três anos, o técnico provincial de Angola, desenvolvendo neste espaço de tempo um trabalho notável na piscina de Alvalade. Paralelamente, o Clube Naval, que este ano completa 90 anos de existência, e o Clube Desportivo Nun'Álvares, ambos de Luanda, têm acompanhado sem desfalecimentos o trabalho daquele técnico. Os resultados estão à vista com alguns títulos nacionais e, salvo erro, dos absolutos. Espera-se que alguns máximos venham para a posse dos rapazes e das raparigas luandenses, esperança bem alicerçada do técnico Pintassilgo, que há dias, antes de partir com a embaixada angolana, nos dizia, com certa intenção: — *Se tiver oportunidade, vou a Aveiro e espero lá encontrar o Carlos Gamelas, o Porfírio, o Almeida, o Agílio e outros, com o Vasco Maia, que, além de excelente nadador, tinha um jeito especial para ensinar os miúdos.*

Será que Aveiro vai regressar aos seus velhos tempos áureos das competições? Mas por agora, como muito bem diz o Dr. Lúcio, importa é construir mais piscinas, funcionais, evidentemente, que esta, também acreditamos, não vai chegar para as encomendas.

XADREZ DE NOTÍCIAS

● Com vista à próxima temporada futebolística, muitos dos clubes do nosso Distrito procederam à substituição dos técnicos das suas equipas. De momento, temos conhecimento das seguintes mudanças: *Sporting de Espinho* — Francisco Andrade; *Oliveirense* — Júlio Pereyra; *Alba* — Frederico Barrigana; *União de Lamas* — Couceiro Figueira; e *Anadia* — Armindo Teto.

● O promissor basquetebolista aveirense Raul Paula, ainda júnior, vai transferir-se do Galitos para o Futebol Clube do Porto.

● Em Albergaria-a-Velha, num jogo da segunda jornada do *Torneio de Encerramento* da Associação de Patinagem de Aveiro, o Alba foi derrotado, por 3-1, pela Ovarense.

O desafio efectuou-se na noite da penúltima sexta-feira, e respeita à categoria de infantis. No intervalo, antes do início da segunda parte, o Eng.º Manuel Boia, Presidente da A. P. A., presidiu à cerimónia da entrega da taça referente ao Campeonato Distrital ao «capitão» do Alba, realizada — entre os aplausos do público, e num gesto de amplo significado, pelo «capitão» da turma vareira.

Também nessa altura, o jovem José Morais, do Alba, recebeu o troféu do melhor marcador do campeonato, entregue pelo seu patrocinador, sr. Manuel Amorim Ferreira da Costa.

● Recentemente, concluíram com êxito as suas provas de promoção nos quadros da Comissão Central de Árbitros de Futebol os júízes de campo aveirenses António Vitorino Gonçalves, Rui Manuel dos Santos Paula e João Ferreira da Silva.

Assim, na época de 1973-74, os árbitros aveirenses ficarão integrados nos seguintes escalões:

1.ª categoria — Joaquim Ribeiro dos Santos Freire. *2.ª categoria* — António Vitorino Gonçalves. *3.ª categoria* — Francisco Silva Costa, Manuel Pinto da Costa, Elísio Fernandes Mota, Rui Manuel dos Santos Paula e João Ferreira da Silva.

Recordemos que, por atingir o limite de idade, o categorizado José

Continua na penúltima página

Calendário da Primeira Volta

CAMPEONATO NACIONAL DA I DIVISÃO

Conforme oportunamente noticiámos, realizou-se na sede da Federação Portuguesa de Futebol o sorteio dos jogos dos diversos campeonatos nacionais. Na prova máxima, que directamente interessa ao Beira-Mar e a Aveiro, o calendário geral da primeira volta é o que hoje nestas colunas se indica.

PRIMEIRA JORNADA
Farense-Cuf
Oriental-Montijo
Belenenses-Porto
Leixões-Guimarães
Boavista-Benfica
Setúbal-Sporting
Barreirense-Académica
Beira-Mar - Olhanense

SEGUNDA JORNADA
Cuf - Beira-Mar
Montijo-Farense
Porto-Oriental
Guimarães-Belenenses
Benfica-Leixões
Sporting-Boavista
Académica-Setúbal
Olhanense-Barreirense

TERCEIRA JORNADA
Cuf-Montijo
Farense-Porto
Oriental-Guimarães
Belenenses-Benfica
Leixões-Sporting
Boavista-Académica
Setúbal-Olhanense
Beira-Mar - Barreirense

QUARTA JORNADA
Montijo - Beira-Mar
Porto-Cuf
Guimarães-Farense
Benfica-Oriental
Sporting-Belenenses
Académica-Leixões
Olhanense-Boavista
Barreirense-Setúbal

QUINTA JORNADA
Montijo-Porto
Cuf-Guimarães
Farense-Benfica
Oriental-Sporting
Belenenses-Académica
Leixões-Olhanense
Boavista-Barreirense
Beira-Mar - Setúbal

SEXTA JORNADA
Porto-Beira - Mar
Guimarães-Montijo
Benfica-Cuf
Sporting-Farense
Académica-Oriental
Olhanense-Belenenses
Barreirense-Leixões
Setúbal-Boavista

SÉTIMA JORNADA
Porto-Guimarães
Montijo-Benfica
Cuf-Sporting
Farense-Académica
Oriental-Olhanense
Belenenses-Barreirense
Leixões-Setúbal
Beira-Mar - Boavista

OITAVA JORNADA
Guimarães-Beira-Mar
Benfica-Porto
Sporting-Montijo
Académica-Cuf
Olhanense-Farense
Barreirense-Oriental
Setúbal-Belenenses
Boavista-Leixões

NONA JORNADA
Guimarães-Benfica
Porto-Sporting
Montijo-Académica
Cuf-Olhanense
Farense-Barreirense
Oriental-Setúbal
Belenenses-Boavista
Beira-Mar - Leixões

DÉCIMA JORNADA
Benfica-Beira-Mar
Sporting-Guimarães
Académica-Porto
Olhanense-Montijo
Barreirense-Cuf
Setúbal-Farense
Boavista-Oriental
Leixões-Belenenses

DÉCIMA PRIMEIRA JORNADA
Benfica-Sporting
Guimarães-Académica
Porto-Olhanense
Montijo-Barreirense
Cuf-Setúbal
Farense-Boavista
Oriental-Leixões
Beira-Mar-Belenenses

DÉCIMA SEGUNDA JORNADA
Sporting-Beira-Mar
Académica-Benfica
Olhanense-Guimarães
Barreirense-Porto
Setúbal-Montijo
Boavista-Cuf
Leixões-Farense
Belenenses-Oriental

DÉCIMA TERCEIRA JORNADA
Sporting-Académica
Benfica-Olhanense
Guimarães-Barreirense
Porto-Setúbal
Montijo-Boavista
Cuf-Leixões
Farense-Belenenses
Beira-Mar - Oriental

DÉCIMA QUARTA JORNADA
Beira-Mar - Académica
Olhanense-Sporting
Barreirense-Benfica
Setúbal-Guimarães
Boavista-Porto
Leixões-Montijo
Belenenses-Cuf
Oriental-Farense

DÉCIMA QUINTA JORNADA
Académica-Olhanense
Sporting-Barreirense
Benfica-Setúbal
Guimarães-Boavista
Porto-Leixões
Montijo-Belenenses
Farense - Beira-Mar
Cuf-Oriental

I TORNEIO DE FUTEBOL DE SALÃO DOS KOXYXUS

Tem prosseguido, dentro da regularidade habitual, e numa fase em que, a bem dizer, todos os desafios se revestem de muito interesse para a classificação e apuramento dos dois melhores de cada série, o I TORNEIO DE FUTEBOL DE SALÃO DOS KOXYXUS. A primeira fase, de qualificação, está prestes a finalizar — completando-se na próxima quinta-feira, dia 23.

Abaixo, a nossa costumada resenha de resultados, os mapas classificativos e o programa que falta cumprir, a partir de hoje:

9 de Agosto

Carlsberg Team, 6-Banco Espírito Santo, 0; Satelauto, 4-Malhitel 2; Papelaria Avenida, 3-Belsan, 0.

10 de Agosto

Café Tako, 0-Café Ramona, 0; Mármores Alegria, 1-Electro Cruzeiro, 4; Stand Justino, 2-Tonelux, 4.

11 de Agosto

Lark Malhas, 2-Papelaria Avenida, 1; Hotel Imperial, 3-Carlsberg Team, 2; Café Grilo, 3-Satelauto, 2.

13 de Agosto

Belsan, 2-Os Putos, 1; Tonelux, 10-Café Ribeiro, 10; Electro Cruzeiro, 2-Barbearia Central, 2.

14 de Agosto

Os Melhores, 1-Utilar, 3; Os Unidos, 1-Paula Dias, 4; Café Ramona, 2-Tangará, 1.

15 de Agosto

Carlsberg Team, 3-Café Rossio,

Continua na penúltima página

AVEIRO, 18-AGOSTO-1973
ANO XIX-N.º 975-AVENÇA